

LEI 10.639/03 E A LITERATURA ANGOLANA: PEPETELA E ONDJAKI*LAW 10.639/03 AND ANGOLAN LITERATURE: PEPETELA AND ONDJAKI***Aparecida Cristina da Silva Ribeiro¹**¹*Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT).**Cuiabá, MT – Brasil.**<https://orcid.org/0000-0003-0209-869X>**profcristinaribeiro2017@gmail.com**Recebido em 16 fev. 2022**Aceito em 14 jun. 2022*

Resumo: O presente artigo aborda a entrada de obras das literaturas africanas nos currículos a partir da publicação da Lei 10.639/03, bem como a presença, hoje constante, dessas literaturas nas escolas e universidades brasileiras. Ao analisar as representações de poder nos romances *Predadores* (2008), de Pepetela, e *Os Transparentes* (2013), de Ondjaki, observa-se que tais romances questionam os rumos da nação angolana pós-independência, sobretudo com a violência do capitalismo predatório e a corrupção em espaços de poder. Nos romances, as relações de poder são representadas pelos poderes político e econômico. Objetiva-se, neste trabalho, refletir sobre as relações de poder como força motriz nas narrativas, que tende a apontar a perda de valores morais e éticos do homem, principalmente quando práticas de corrupção e jogos de interesses verificam-se em parcerias políticas e empresariais. A literatura dos ficcionistas aponta uma série de consequências do acúmulo de capital, concentrado nas mãos da elite, como a má distribuição de rendas e a desigualdade social em Angola. O estudo aponta que estudar a ficção angolana contemporânea é sempre um desafio por haver fecundas ligações entre literatura, história e política que se entrelaçam na tessitura dos textos literários e (re) elaboram nas narrativas a história do país. Além disso, a pesquisa permite uma reflexão crítica sobre a abrangência estética e ética do romance como forma de compreender o passado e o presente de países como Angola e Brasil.

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Romance angolano. *Predadores*. *Os Transparentes*. Relações de poder.

Abstract: This article addresses the entry of works of African literature in the curricula since the publication of Law 10.639/03, as well as the presence, today constant, of these literatures in Brazilian schools and universities. When analyzing the representations of power in the novels *Predadores* (2008), by Pepetela, and *Os Transparentes* (2013), by Ondjaki, it is observed that these novels question the course of the post-independence Angolan nation, especially with the violence of predatory capitalism and corruption in spaces of power. In the novels, power relations are represented by political and economic powers. The objective of this work is to reflect about the power relations as a driving force in the narratives, which tends to point out the loss of moral and ethical values of man, especially when corruption practices and games of interests occur in political and business partnerships. The fiction writers' literature points out a series of consequences of capital accumulation, concentrated in the hands of the elite, such as poor income distribution and social inequality in Angola. The study points that studying contemporary Angolan fiction is always a challenge because there are fruitful relationships between literature, history and politics that are intertwined in the fabric of literary texts and (re) elaborate the country's history in the narratives. The study allows a critical reflection about the esthetic and ethical scope of the novel as a way of understanding the past and present of countries like Angola and Brazil.

Keywords: Law 10.639/03. Angolan novel. *Predadores*, *Os Transparentes*. Power Relationships.

INTRODUÇÃO

No momento em que a Lei 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileira nos currículos escolares, chega a duas décadas de aprovação, somos convidados a refletir sobre os assuntos que entram na pauta da educação nacional a partir dela. Ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN/1996 (2020), a Lei propõe mudanças na concepção do que deve compor um currículo, para quê e como pautar conhecimentos e experiências. Obras e autores pouco conhecidos até então, hoje encimam listas de leitura, constam em bibliotecas e planos de ensino e fazem parte de cursos de formação. Entre tais obras estão as de dois angolanos, Ondjaki e Pepetela, que podem ser considerados canônicos no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Para tratarmos dessas obras, vamos iniciar com algumas reflexões gerais.

No cenário da língua portuguesa, Pepetela e Ondjaki são autores contemporâneos. Embora de gerações literárias diferentes, pode-se dizer que foram descobertos nas escolas em tempo mais ou menos coincidente, devido, justamente, à implantação da Lei 10.639/03. Se a literatura contemporânea implica, no próprio conceito uma relação que se associa à noção de tempo, responder à pergunta “o que significa ser contemporâneo” não é, no entanto, uma tarefa tranquila. Por outro lado, se o termo *contemporâneo* está relacionado com a ideia de temporalidade, logo é associado à atualidade.

Mas a literatura contemporânea não é necessariamente aquela que representa e trata do tempo presente. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) delinea o termo de modo a permitir que nos aproximemos de definições que auxiliam na compreensão do conceito. Conforme o autor, o contemporâneo significa uma tomada de posição em relação ao presente e uma singular analogia com o próprio tempo, sendo também uma relação que se estabelece entre o escritor, a obra e sua época. Compreender o presente, desse modo, pode significar a ultrapassagem das fronteiras do tempo, em que o passado é matéria em contínua negociação com o presente, sendo temporalidades materiais da ficção. É nesse cenário que propomos uma leitura de Pepetela e Ondjaki.

Definir a obra de Pepetela e a de Ondjaki como literatura angolana contemporânea para fins desse artigo é pensar a ficção produzida a partir da década

de 1970, quando a literatura e o país caminharam sob o signo da busca de liberdade nacional. O presente texto apresenta resultados de estudos que analisam a literatura desses dois escritores que representam duas gerações, com escritas diferentes, e com o desejo comum de solidificar uma literatura de qualidade estética em Angola, ao mesmo tempo em que pretende apontar alguns aspectos dessas obras, que mostram os motivos pelos quais ocupam um lugar de destaque no âmbito da aplicação da Lei 10.639/03.

Diferente da experiência de escrita e de vida militante de Pepetela, Ondjaki pertence a uma nova geração de escritores, que nasceu depois da independência política de Angola. Se o projeto literário de Pepetela tem demonstrado fidelidade ao romance, o de Ondjaki, parece não se identificar a nenhum gênero, mas sim, transitar entre os diversos. Ondjaki escreve romance, conto, poesia, narrativa infantil e infanto-juvenil. Como Pepetela, ele também escreve pautado na sua experiência como sujeito marcado por condições histórico-sociais e a sua literatura tem como linha de força a memória dos tempos de infância, daí as narrativas serem permeadas de brincadeiras de crianças, que se passam no tempo de antigamente, quando podiam partilhar experiências entre miúdos e mais-velhos,¹ numa Luanda povoada de estórias.

Nos romances *Predadores* (2008) e *Os Transparentes* (2013), Pepetela e Ondjaki respectivamente apontam certas rasuras que assombam o presente de Angola, como a corrupção, a ganância por poder e dinheiro, o capitalismo predatório, a violência urbana e principalmente a desigualdade social que impede a construção da nação igualitária sonhada pela geração da utopia². Portanto, tais rasuras, que os autores captam com o olhar que mantêm fixo na observação do contexto e materializam no romance não constituem um problema específico de Angola. Tais

¹ Destacam-se *Os da minha rua: estórias* (2007), *AvóDezanove* (2009) e *o segredo do soviético* (2009) e *Bom dia, camaradas* (2014). Nas narrativas, o autor atribui voz aos meninos narradores, que relatam memórias coletivas do tempo de antigamente (da infância) por ruas de terra da cidade de Luanda, como passeios em quintais alheios à procura de frutas e fugas da casa das avós para saborearem mangas verde com sal na companhia de primos e amigos.

² Em *A Geração da utopia* (2013a), o romance narra a trajetória de quatro jovens que deixam a colônia (Angola) e seguem para a metrópole (Portugal) em busca de formação acadêmica, em pleno início da luta de libertação de Angola, na década de 1960. A narrativa traz uma profunda crítica sobre a perda da utopia sociopolítica, haja vista que atores principais da luta revolucionária se instalaram no poder e utilizaram-no como fonte de enriquecimento ilícito.

sombras ameaçam qualquer sociedade em que políticas públicas não constituem dispositivos de poder a serviço do bem coletivo e social.

De acordo com o crítico literário Benjamin Abdala Junior (2003, p. 240-241) quando analisamos a obra de Pepetela, “procuramos vê-la nos gestos de seus atores, sejam eles personagens, narradores e as marcas implícitas do próprio autor. Seus heróis são paradigmas que não se circunscrevem apenas em Angola”. Giorgio Agamben considera que *dispositivo* é um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault, quando começou a se ocupar daquilo a que chamava de “governabilidade” ou “de governo dos homens”. O termo pode significar um conjunto absolutamente heterogêneo, que implica:

discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas (...) “o dispositivo tem uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder”. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber (AGAMBEN, 2009, p. 28-29).

As relações de poder nestes romances aparecem cobertas por referências a dissimulações, podendo funcionar como esse dispositivo do que trata Agamben. Considere-se, ainda, que as simbologias do escuro nos romances de Pepetela e Ondjaki são um conjunto de fatores que se associam à história contemporânea de Angola, entre eles, o fato de ser um país marcado por séculos de colonização e violência; com um passado recente de guerras e crises políticas; corrupção e grande desigualdade social.

A concentração de poder nas mãos da elite política e empresarial que comanda o país *versus* a alarmante desigualdade, que distancia os que governam dos governados, não é, no entanto, um problema específico de Angola. Por isso, literatura, história e política constituem segmentos epistemológicos que se entrelaçam na tessitura dos romances.

Michel Peterson (1995, p. 27) compreende que o romance contemporâneo é um conjunto verbal que estabelece relações estreitas entre o estético e o político. Para o autor, o romance é o gênero discursivo privilegiado em que se expressam os conflitos entre o homem e a comunidade/sociedade. Ele é “o conjunto verbal no qual se revelam, por assim dizer, concretamente (na dialética do conteúdo, da forma e do material) as relações entre o estético e o político” (PETERSON, 1995, p. 27).

Conforme o autor, a narrativa constitui um ato socialmente simbólico. E como atividade simbólica, “a literatura somente pode ter influência sobre a materialidade das relações sociais, se, antes de tudo, interrogar a natureza do político” (PETERSON, 1995, p. 106). Assim, considera-se que interrogar a natureza do político é uma atitude ética que se manifesta na estética dos dois ficcionistas angolanos.

A contemporaneidade nos romances *Predadores* e *Os Transparentes* figura como imagem do tempo do capitalismo predatório e de corrupção em espaços de poder, em que desigualdade social, violência e caos produzem incertezas sobre o futuro da nação. Os romances sugerem que destruir o que não está bom talvez seja um caminho para reconstruir novamente e de novo modo, tendo em vista que muitos dos projetos para fazer de Angola um país melhor se perderam no decurso do tempo.

A principal imagem de impacto que inicia e finaliza o romance de Ondjaki é a cidade de Luanda em chamas. A literatura desses autores denuncia o desgoverno e a corrupção e indica que somente uma pequena parte da sociedade, os detentores de poder, se beneficiam dos principais recursos naturais do país, como petróleo e diamantes, de forma destruidora.

CAPITALISMO PREDATÓRIO E CORRUPÇÃO EM ESPAÇOS DE PODER

O romance de Pepetela, *Predadores*, narra a história de ascensão econômica do protagonista e anti-herói Vladimiro Caposso. A narrativa destoa de outros romances do autor por não se tratar de disputas travadas em selvas como o *Mayombe* (2013b) ou nas savanas africanas³. O espaço para as ações romanesca é urbano, a cidade de Luanda, centro do poder político e econômico, de modo que o poder se manifesta através do dinheiro, elemento de desejo que corrompe indivíduos sedentos de acúmulo de capital, e que em grande maioria, exercem funções públicas na sociedade. Chama a atenção do leitor o fato de ser nominado no plural, indicando que o romance trata de mais de um predador, portanto, é uma história sobre personagens de poder, que possuem características predatórias e que se utilizam de artimanhas violentas para se sobreporem a outros, com menos ou nenhum poder econômico. Na

³ Em *Mayombe* (2013b) e *A Geração da utopia* (2013a), os espaços principais das ações romanescas são o interior (campo) de Angola, zonas de guerrilha e palco da luta de libertação.

escalada do poder, o romance narra a história da ação dos mais fortes sobre os mais fracos, que o narrador assim apresenta:

Qualquer leitor habituado a ler mais que um livro por década pensou neste momento, pronto, lá vamos ter um flashback para nos explicar de onde vem esse Vladimiro Caposso e como chegou até o que é hoje. Desenganem-se, haverá explicações, que remédio, mas não agora, ainda tenho fôlego para mais umas páginas sem voltar atrás na estória, a tentar a História. E desde já previno, este não é um livro policial, embora trate de uns tantos filhos de puta (PEPETELA, 2008, p. 13).

Os Transparentes, de Ondjaki, também faz repercutir a crítica sobre corrupção em espaços de poder na sociedade angolana, ironiza e satiriza personagens do meio político. Na narrativa, sobressai a linguagem carnavalesca, entrecortada de fina ironia, que permite criticar o desgoverno e a corrupção no aparelho administrativo do Estado. O ficcionista delinea um panorama crítico, em linguagem satírica, das relações de poder, principalmente no âmbito da política, apontando que o poder manipula, corrompe, viola direitos humanos e sociais. No romance, os excluídos são um grupo que habita em um Prédio de condições precárias, no centro da capital. Representados coletivamente por Odonato (o protagonista), as personagens são pobres, sem moradia digna, sem trabalho formal, sem acesso à distribuição de água e luz elétrica e sem dignidade, porque não são vistos, tampouco ouvidos, quando decidem cobrar do poder público a cidadania:

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis das suas aragens, o funcionamento dos seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam para lugar algum. vários bandidos haviam experimentado na pele as consequências desse maldito labirinto com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas (ONDJAKI, 2013, p. 14).

A disposição das personagens pelos andares do Prédio permite refletir sobre o papel do Estado na vida dos cidadãos.

De acordo com Marilena Chauí (1988), o Estado não significa a realização da vida coletiva, ele representa os interesses de um grupo social de “mais fortes” da sociedade, ou seja, da classe que domina política e economicamente:

O Estado não é um poder distinto da sociedade, que a ordena e regula para o interesse geral definido por ele próprio enquanto poder separado e acima das particularidades dos interesses de classe. Ele é a preservação dos interesses particulares da classe que domina a sociedade (CHAUÍ, 1988, p. 69-70).

Neste romance, percebe-se muito claramente o poder da elite, dos dirigentes, as relações de poder que ganham visibilidade nos campos político e econômico. Pierre Bourdieu (1989) compreende que as relações de poder estão presentes em vários setores da sociedade e constituem uma força simbólica nem sempre visualizada, mas que se encontram em toda parte e em parte alguma. De acordo com o pensamento do sociólogo francês, entende-se o campo político como campo de forças e de lutas, principalmente por poder econômico.

Na literatura angolana contemporânea, o espaço de maior visibilidade, por representar palco de inúmeras batalhas de poder, é a cidade de Luanda. A capital é o centro das histórias, concentra os indivíduos, o meio social e os desafios que fazem de toda metrópole um lugar de contrastes, por isso Luanda é o cenário de ações das personagens que transitam entre o político e o econômico.

Tanto no romance de Ondjaki quanto no de Pepetela, passado e presente se conectam para oferecer ao leitor um conjunto de imagens sobre essa sociedade multifacetada, que cresceu entre o antigamente da história e o caos do tempo moderno, seguindo o fluxo de crescimento das grandes cidades. De acordo com Rita Chaves (2005), a literatura angolana é profundamente marcada pela História (assim como a literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa), e traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado.

Luanda é uma capital cosmopolita, que se desenvolveu seguindo o fluxo de crescimento e transformações numa terra de riquezas naturais, em que petróleo e diamantes são fontes de lucro que sempre estiveram no centro de disputas entre os principais segmentos de poder.

Anthony Hodges (2002) afirma que Angola apresenta uma das maiores concentrações de recursos naturais da África, porém, nem sempre associado ao desenvolvimento⁴. Conforme o autor, o país tem uma economia de maior rendimento

⁴ “É notável o conjunto de recursos de Angola: petróleo, diamantes, muitos outros minerais, terra em abundância e um clima geralmente favorável, além de enormes recursos hidroelétricos. A indústria petrolífera cresceu rapidamente nos últimos anos, sendo actualmente a segunda maior na África Subsariana, com uma produção de cerca de 900.000 barris por dia. Angola é também o quarto país entre os maiores produtores de diamantes do mundo” (HODGES, 2002, p. 17).

centrada em recursos naturais. Porém, os governantes, após a conquista da independência, se enveredaram por um capitalismo selvagem construindo fortunas com base em concessões diamantíferas, privatização de propriedades do Estado e no acesso privilegiado a empréstimos bancários.

As obras de Pepetela e Ondjaki, como os dois romances que tematizam essas nossas discussões, têm sido um referencial de destaque no estudo de várias áreas do conhecimento, em especial, o ensino da história e das culturas dos povos africanos, além de criarem uma possibilidade concreta de aproximar alunos e professores dos processos históricos que constituíram o país que existe hoje.

NO RITMO DA “GASOSA”

O acúmulo de capital mediante forma ilícita seduz indivíduos a cometerem práticas de corrupção, conforme indicam estes dois romances de Pepetela e Ondjaki. De acordo com Barros Filho e Sérgio Praça (2014), entende-se a corrupção como um fator social, caracterizado pelo exercício irregular de enriquecimento rápido, que beneficia exclusivamente corruptores e corruptos. Práticas ou procedimentos de corrupção são ações realizadas na ilicitude que, conforme os autores, não caracterizam um ato solitário e se concretizam através de parcerias. Tais práticas podem causar impactos na vida de muitos cidadãos, principalmente de grupos sociais vulneráveis, que dependem de ações políticas. Portanto, a corrupção reflete negativamente na vida de todos e não apresenta contribuições positivas para o desenvolvimento político, econômico e social.

Quando se pensa em corrupção, logo o tema é relacionado ao meio político. A literatura desafia a refletir sobre a temática, de modo que é preciso levar em consideração um conjunto de fatores do contexto sócio-histórico e político de Angola. O país herdou determinadas estruturas do sistema colonial e, por quase três décadas, esteve em guerra civil; além disso, houve a divisão político-militar pela manutenção do poder e pelo controle dos principais recursos naturais e, por último, constituiu-se um regime monopartidário centralizador ameaçado por conflitos internos e apoiado por forças externas. Portanto, tais fatores refletem-se nas relações entre literatura, história, política e sociedade observadas na ficção angolana e, de forma especial, nos

dois romances aqui tratados, trazendo para a pauta da educação brasileira um assunto que era alheio aos interesses dos currículos antes da Lei 10.639/03.

Além do cenário de instabilidade política pós-independência, o novo sistema de governo angolano adotou uma economia controlada pelo Estado e precisou lidar com conflitos e violências espalhados pelo território nacional. Conforme Hodges (2002), a administração pública em Angola nem sempre dispôs de dispositivos eficientes para o controle das contas públicas, seguido de constantes faltas de investimentos em setores importantes do funcionalismo público e de assistência social. Assim, a maioria da população (o povo) sofreu as consequências da ineficiência do Estado e uma minoria privilegiada (a elite) beneficiou-se do poder para a própria promoção socioeconômica, representada, no romance de Pepetela, pela personagem Vladimiro Caposso.

O cenário político pós-independência favoreceu o surgimento de caminhos paralelos para que indivíduos bem posicionados na sociedade pudessem usufruir do aparelho de Estado e das relações de poder, como oportunidade de enriquecimento rápido e de forma ilegal. É dentro desse contexto que compreende a segunda metade do século XX e o início do século XXI, que a ficção de Pepetela e Ondjaki denuncia o conjunto de problemas que afetou o desenvolvimento social em Angola, entre eles a cultura da corrupção, popularmente conhecida como “gasosa”, um tema que pode ser entendido pelo prisma ético e moral, principalmente nas relações com o campo político.

Nos romances *Predadores* e *Os Transparentes*, narradores e personagens representam a cultura da corrupção e ilustram como esta encontra-se instaurada em vários setores sociais e são atos geralmente concretizados por indivíduos do meio empresarial em parceria com o poder público. Se os romances tematizam os objetivos, que são desvios de recursos de cofres públicos para contas secretas de indivíduos do setor privado, tratam também da forma como, posteriormente, os valores são fatiados entre os agentes envolvidos na operação e que mantêm ligações estreitas no círculo do poder político e empresarial.

Nos romances, a corrupção é praticada por políticos, empresários, policiais, fiscais e também por cidadãos comuns, sem função pública na sociedade. Se o termo usado para definir práticas de corrupção na ficção dos autores é “gasosa”, a propina ou suborno faz parte de uma prática quase generalizada e refere-se a determinados

procedimentos de corrupção, praticados por corruptores e corruptos de diversos meios sociais. Na grande maioria dos casos, envolve valores em dinheiro, pagos a indivíduos ocupantes de cargos públicos e de poder (e não somente) com o intuito de receber em troca benefícios ou favorecimento pessoal.

Em *Os Transparentes*, o termo “gasosa” também é atribuído aos refrigerantes, mas em geral, é usado para criticar a prática de corrupção, como pode-se ver no fragmento:

– quer uma gasosa, camarada Carteiro? [...] Nelucha parou junto à entrada do prédio e pediu uma gasosa bem gelada.
[...] e até os papéis do óbito haviam sido providenciados para que a cena da luta não se repetisse, ou o preço da “gasosa” não fosse aumentado por razões da “última hora” (ONDJAKI, 2013, p. 37-38 e 328).

A referência implícita ao “preço da gasosa” indica que para que houvesse a liberação de papéis do óbito da personagem CienteDoGrã (a curto prazo) Odonato tinha de pagar propinas para agentes públicos liberarem o corpo do filho, ainda com agravante, o preço poderia ser aumentado “por razões da última hora”. A ficção sugere que em determinadas práticas de corrupção existe um valor estipulado que pode variar conforme a urgência de cada caso.

A crítica indica que a vida em Luanda não é nada fácil, principalmente para os que não dispõem de capital, como a família de Odonato. Para viver na capital é preciso ter dinheiro, ou, cercar-se de influências, porque “Luanda então está a ficar uma cidade cara”, afirma o narrador (ONDJAKI, 2013, p. 96). Viver em Luanda e beneficiar-se da modernidade, usufruir de boas infraestruturas urbanas e das relações de poder, é um privilégio para poucos. Por outro lado, para a maioria da população pobre, que reside em bairros periféricos, à volta da cidade, sobreviver em Luanda é muito difícil. Os oprimidos não se favorecem de contatos privilegiados e dificilmente têm acesso às infraestruturas básicas, como moradia adequada, energia elétrica, coletas de lixo, sistemas de esgoto e água encanada, como a personagem Carteiro, indicado no fragmento:

[...] o Carteiro entrava no seu musseque, cruzava várias casas, curvava por becos de chão irregular e molhado por águas imundas, e antes de chegar a casa atravessava a enorme montanha de lixo que dividia, na realidade, dois musseques, um riozinho de água escura desenhava no chão curvas que imitavam, com muito boa vontade, um enorme mapa de Angola, o Carteiro confirmava as curvas sinuosas do perigoso riacho, dava um passo mais largo e

atravessava-o, descobrindo nas laterais da lixeira sempre uma passagem de lixo compacto que o conduzia, cento e tal metros depois, à porta da sua pobre casa [...] (ONDJAKI, 2013, p. 372).

O problema da falta de água (ou da ineficiente distribuição), em Luanda, afeta grande maioria da população, principalmente os moradores do Prédio da Maianga. A água é um assunto de interesse público, mas que interessa exclusivamente ao empresário DomCristalino. Com a instalação de novos equipamentos para extração de petróleo haverá a necessidade de modernização de velhas tubulações de água. E para que o poder público ofereça um serviço de “qualidade internacional” é necessário lançar um edital para que empresas concorram. Eis o percurso que supõe a forma correta de lidar com o serviço público, mas que é adulterado, para privilegiar economicamente “camaradas” do círculo clientelista do governo e entra em jogo a corrupção, resultante de parcerias entre indivíduos do setor privado e do poder público. Representando o governo ou o Partido no poder está o Presidente, Chefe da nação. Representando o poder empresarial, o empresário RibeiroSecco, conhecido por DomCristalino, dono da empresa ÁguasCristalinas e que ganhou o direito “por alguns anos” de distribuição de água potável em Luanda, conforme descreve a narrativa:

Um curto texto, solene e conciso, falava abertamente das funções da empresa ÁguasCristalinas, responsável, também, por algumas zonas de distribuição de água potável mas, sobretudo, e em nota discreta, quase a finalizar, o documento assinado por membros do governo e do Partido cedia a esta nova companhia muito anônima o direito, e o dever, de assegurar a instalação de uma nova rede de tubagens, “de qualidade e reconhecimento internacional”, para o transporte e fornecimento da água potável em Luanda, criada por despacho ministerial e aprovação do mais alto membro do governo angolano, sobretudo na fase de intensas escavações anexas ao projeto CIPEL, mas com a possibilidade de se manter “por alguns anos” a respetiva e supracitada autorização, repetia o documento, permitia o transporte e a distribuição da água potável à larga maioria da população residente na cidade capital (ONDJAKI, 2013, p. 197).

Percebe-se a crítica às manobras ilícitas e interesses econômicos da elite que governa, que em parceria com empresas privadas privatizam serviços e praticam corrupção na administração pública. O relacionamento do empresário DomCristalino com importantes membros do governo, como o Presidente e o Ministro, evidencia a prática de clientelismo, quando o governo favorece celebração de contratos com parceiros do círculo de poder, principalmente se for indivíduos bem posicionados na esfera empresarial e que comunguem dos mesmos interesses políticos e econômicos. Enquanto estabelecem parcerias no círculo de poder, que favorecem camaradas da

mesma linha de negócios, a população carece de recursos básicos para sobrevivência e assiste ao que acontece nos bastidores políticos “cegos e coniventes” com a cultura da corrupção, afirma a personagem o Esquerdista: “[...] porque somos estúpidos, cegos e coniventes, isto é, porque somos globalmente corruptos [...]” (ONDJAKI, 2013, p. 237). No romance, o Esquerdista representa a esquerda política e é quem denuncia a corrupção no sistema de governo.

Em *Predadores*, um exemplo de corrupção envolvendo a Administração Pública e empresas privadas verifica-se na parceria entre as personagens Vladimiro Caposso, o paquistanês Karim e o americano Omar, sócios na empresa Caposso Trade Company (CTC). O objetivo dos empresários é se utilizarem das relações de poder que mantêm no meio político para conseguirem contratos de obras de reconstrução de infraestruturas do Estado (pontes, estradas, escolas, etc.), danificadas durante a guerra civil, como se vê no fragmento:

Os dois discutiam a dificuldade real ou aparente encontrada por Caposso em conseguir os contratos com o governo, em plena paz. Era essa a sua principal atribuição na nova e ambiciosa sociedade construtora, influenciar governantes a concederem as obras de reabilitação de pontes e estradas à empresa deles, evitando os sempre problemáticos e complicados concursos públicos (PEPETELA, 2008, p. 312).

A velha amizade do empresário Vladimiro Caposso com indivíduos bem posicionados no meio político, principalmente com ministros e governadores provinciais, é uma relação cultivada de jantares extravagantes e muito whisky. São em encontros nesse estilo que surgem as oportunidades de negócios e se efetivam parcerias econômicas entre a elite dirigente e empresarial. E se o sistema econômico é controlado pelo governo, a elite se favorece de bens e estruturas públicas para a diversificação da economia, através do mercado informal, por exemplo, ministros, generais e empresários que se associam no tráfico de armas e diamantes.

Outros exemplos de práticas de corrupção na ficção de Pepetela podem ser vistas em certas condutas do poderoso empresário Vladimiro Caposso, como pagar gasosas ao amigo general para que o filho Ivan não seja convocado para o serviço militar obrigatório: “Mas havia a mobilização militar habitual e Caposso teve de se mexer, mover influências, sobretudo de um amigo general, pagar umas gasosas aqui e ali, para Ivan não ser chamado logo que fez 18 anos” (PEPETELA, 2008, p. 142-

143). Obter vantagens e mover influências são especialidades de Vladimiro Caposso, que se utiliza das relações de poder no meio empresarial e político.

Os autores Barros Filho e Sérgio Praça (2014, p. 20) entendem que toda relação de corrupção é uma questão ética, “porque se objetiva na adoção, por parte de duas ou mais pessoas, de um procedimento que atende a seus próprios interesses, mas atenta contra a saúde do tecido social e agride princípios básicos de convivência”. A corrupção na Administração Pública compromete ofertas ou manutenção de serviços para o bem comum e beneficia exclusivamente um grupo de poder. Tais práticas acentuam a desigualdade social e afetam o desenvolvimento econômico, tendo em vista que implica desvios de grandes somas de dinheiro para fora do setor nacional, os chamados “paraísos fiscais”. De acordo com o narrador:

Na ilha, às 8h da noite, parado a olhar para o mar dentro do carro, mas sem ver nada, pensava se havia ou não de retirar algum dinheiro de um paraíso fiscal onde tinha depositado a fortuna ganha nos anos noventa, para pagar dívidas e avançar com alguns empreendimentos em Angola. Mastigava há tempos essa dúvida. Aquele dinheiro estava seguro lá fora e dava para todos viverem tranquilamente durante a existência inteira, a dele e a dos filhos. [...] Não ficava pobre, um milhão era uma pequena parte do que realmente possuía lá fora, mas doía perder esse kumbú pelas lamechices patrióticas de investir no país (PEPETELA, 2008, p. 330- 331).

Além de corrupto, a personagem acha uma “lamechice patriótica” investir no país. Nos dois romances em questão, há denúncia de que a prática de corrupção no país angolano encontra-se ramificada em múltiplos setores do aparelho de Estado, desde a mais alta cúpula do poder político ao funcionalismo público. São ministros do governo, policiais, guardas de trânsito, agentes bancários e principalmente fiscais, indivíduos que exercem abuso de poder e praticam ações corruptas no exercício de suas funções.

Não há compromisso com a função pública e prevalece a degradação moral e a falta de ética de agentes que ao invés de contribuírem para a melhoria de serviços prestados à sociedade cometem os mais deploráveis abusos de poder para obter vantagens, acumular capital e satisfazer instintos egoístas.

Vladimiro Caposso legalizou para si através de práticas corrupção a casa do patrão sô Amilcar, que ‘bazou’ de Angola em 1974, antes da independência política. O antigo patrão nomeou-o responsável dos imóveis adquiridos na terra angolana, antes de retornar para Portugal, sua terra natal. Caposso recebeu orientações de um fiscal sugerindo a existência de vias ilegais para que conseguisse a escritura da casa:

“[...] trate de legalizar a casa por outros meios. Há sempre alguém com influência que pode dar um jeito. [...] Chegava mesmo a dar a entender que o caso podia ser resolvido por corrupção ou jogo de influências” (PEPETELA, 2008, p. 104).

Corruptores e corruptos se utilizam de estratégias ilegais para realizarem operações clandestinas e desviarem dinheiro, principalmente com a mediação de agentes que são “peças indispensáveis para a realização do processo. Intermediários, paraísos fiscais, sistemas complicados de circulação de dinheiro, formas cada vez mais sofisticadas de fraude”, afirma Barros Filho e Praça (2014, p. 32). Em *Predadores*, a personagem Nunes é um especialista em operações bancárias clandestinas. Ele é funcionário de um banco estatal e responsável em transferir o dinheiro de Vladimiro Caposso e de outros clientes importantes da elite política para o exterior, conforme descreve o fragmento:

O Nunes era empregado de alto escalão de um banco estatal, na época não havia outros, e ajudava-o a transferir para o exterior, particularmente para umas certas ilhas onde reinava o absoluto sigilo bancário, grandes somas de dinheiro bom, quer dizer, dólares. [...] Caposso até sabia quando tinha começado a coisa. Bem, saber exatamente não sabia, podia imaginar, pelo menos uma vez ouviu comentar que o Nunes foi chefiar uma missão financeira a um desses paraísos fiscais para aí esconder parte do tesouro do Estado. Havia guerra civil, necessidade muitas vezes de ter dinheiro vivo para financiar compra de armas ou operações secretas, convinha haver nichos absolutamente sigilosos (PEPETELA, 2008, p. 20-24).

O narrador sugere que a corrupção no sistema de governo angolano é uma prática antiga e que a especialidade do Nunes remonta ao tempo em que ele chefiou uma missão financeira em um paraíso fiscal, para esconder dinheiro público. Criou, assim, uma espécie de reserva para compra de armas e que pudesse garantir ao governo a manutenção do poder, ameaçado pela guerra civil que se arrastava por todo o território nacional. Valores provenientes de práticas de corrupção circulam em dólares, nunca em moeda nacional, o que indica a desvalorização da moeda angolana no mercado econômico e a supervalorização da moeda estrangeira.

O narrador descreve Nunes como um sujeito esperto, esquivo e habilidoso em artimanhas obscuras. Ele é conhecedor de caminhos sigilosos para transferir o dinheiro de sua clientela para paraísos fiscais: “O Nunes tinha cara de rato, embora seja realmente um lugar comum e de gosto duvidoso, havendo mais gente com cara de rato do que se pensa” (PEPETELA, 2008, p. 21-22). A ironia presente na ficção do autor é uma forma de dizer que Nunes não é o único sujeito esperto com trejeitos de

rato em Angola, que mantém relações financeiras com a elite dirigente, como no fragmento:

O rato saiu, de cabeça muito direita, procurando mostrar dignidade ferida. Filho da puta, oportunista de merda, agora armado em fino. [...] Se calhar o cabrão estudou em Cuba e por isso agora ostenta conhecimentos de geografia ou lá do quê. Que o pariu, não deixa de ser um grande corrupto. E é capaz de estar mais rico do que nós todos, ficava-nos com 20% de cada operação... Filho da puta! O mal é que precisamos sempre destes ratos de merda (PEPETELA, 2008, p. 23).

De acordo com Vladimiro Caposso, evidencia-se que ele não é o único cliente do bancário corruptor e existem outros corruptos que recorrem ao sigiloso trabalho de Nunes: “Precisamos sempre desses ratos de merda. Nós? Por que usara o nós? Nós quem? Disparate! Nós sim, ou pensava ser o único para quem o Nunes trabalhava?” (PEPETELA, 2008, p. 24). O bancário é um intermediário de procedimentos de corrupção e mantém relações com indivíduos de poder, por isso conseguiu enriquecer à base de corrupção, a narrativa conta que: “Ele aproveitou referir o Gonçalves, o general Arlindo, pelo menos esses seriam seus clientes. [...] E teria muito outros clientes, parte dos que bazaram ou puseram o dinheiro lá fora, protegido” (PEPETELA, 2008, p. 24).

Acerca de insinuações do protagonista sobre a origem do trabalho sigiloso de Nunes, recorre-se ao contexto histórico para compreender que o que sempre esteve em jogo na disputa por poder (MPLA *versus* UNITA) foram interesses materiais, como o controle dos principais recursos naturais, petróleo e diamante. A extração de petróleo possibilitou ao governo do MPLA manter o poder e a força militar. Enquanto que o controle de zonas diamantíferas proporcionou à UNITA financiar o poderio de guerra contra o governo, afirma Hodges (2002)⁵.

Depois do abandono de orientação ideológica marxista-leninista pelo governo, com o fracassado “socialismo esquemático” e a abertura para a economia de

⁵ MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola e UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola. Sobre as disputas de poder que envolveu os dois principais partidos políticos angolanos, o autor afirma que “na ausência de grandes aliados ou protectores estrangeiros desde o início da década de 1990, os recursos provenientes do petróleo e dos diamantes permitiram que os dois lados mantivessem as suas forças militares com níveis de sofisticação relativamente elevados, ao mesmo tempo que os crescentes rendimentos da riqueza mineral, e sobretudo do petróleo, foram aumentando enormemente a importância daquilo que estava em jogo na sua impiedosa luta pelo controlo do Estado” (HODGES, 2002, p. 39).

mercado, na década de 1990, entrou em cena, em Angola, o capitalismo selvagem. Se a Administração Pública era composta por fracos sistemas de transparência, cedeu espaço para a corrupção. Foi se aproveitando desse tempo de instabilidade política e econômica que o empresário RibeiroSecco se promoveu no mercado empresarial, ganhou prestígio social e acumulou fortuna através de privatização de bens estatais, inclusive recursos naturais, conforme indicado na narrativa:

[...] tinha conseguido finalmente uma importante entrevista com RibeiroSecco, o homem a quem chamavam DomCristalino, por estar há muitos anos envolvido com questões aquáticas, trabalhara anos no MinistérioDaIndústria, passando por outros postos no tempo do falecido SocialimoEsquemático e foi privatizando os lugares, as fábricas e até algumas das pessoas que se viram envolvidas com o seu trajeto homem de costas quentes, protegido de gente graúda do comitê centralizado do Partido, cresceu enquanto figura e homem de negócios, de tal modo que, de repente, o Partido entendeu que a relação de forças se havia invertido e que agora muita gente, dos mais variados setores sociais angolanos, na realidade dependia da boa vontade e de negócios controlados por DomCristalino (ONDJAKI, 2013, p. 154, 155).

O romance quer evidenciar como as relações de força/poder na sociedade angolana se inverteram, quando o político deixou de ter centralidade e indivíduos bem posicionados (de capital) do setor empresarial passaram a ditar as regras para a economia nacional. É nesse novo cenário econômico que entra em cena o mais novo empresário angolano, o Nunes, depois de ter embolsado uma fortuna com os serviços ilegais prestados aos políticos e empresários. A personagem ascendeu ao poder. De servidor público, ele tornou-se empresário, dono de um Banco privado, ostentando a fortuna que ganhou ao longo de anos, através de práticas de corrupção. Conforme indica a narrativa, ele havia “[...] enriquecido com as comissões que Vladimiro e muitos outros lhe deram para verem as suas reservas viajarem rápida e silenciosamente rumo ao exterior [...]” (PEPETELA, 2008, p. 22). Depois de longa temporada no exterior, durante o período de guerra civil, o Nunes retornou ao país de origem, dessa vez, como poderoso empresário de sucesso. Se antes, ele era um sujeito magro, com cara de rato, tornou-se gordo e predador, comparado a um tubarão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo intentamos apresentar uma leitura sobre dois romances contemporâneos da Literatura angolana, *Predadores* e *Os transparentes*,

respectivamente de Pepetela e Ondjaki, mostrando como os autores articulam o tempo presente com heranças do passado colonial, sendo, portanto, fundamentais para a compreensão da literatura angolana, da história e da política do país. Buscamos também demonstrar como as relações de poder representadas na literatura angolana contemporânea indicam que o presente é um tempo sombrio, não apenas para Angola, mas para todos os países submetidos ao capitalismo predatório, que provoca a exclusão dos mais pobres e atende aos interesses das elites.

Ao apontarem para feridas de seu país, Pepetela e Ondjaki denunciam o desacordo entre os predadores do sistema econômico e os direitos fundamentais de pessoas à revelia do poder. Se por um lado, Angola é um país rico em recursos minerais, por outro, figura uma sociedade de pobreza, porque o desenvolvimento social e humano não avançou. É nesse momento, sobretudo, que a arte dos dois escritores, por meio de seus narradores, personagens, ambientes, espaços e linguagem se coloca no centro de uma dimensão estética e ética, confluindo para um olhar crítico que ultrapassa Angola, mas que ocorrem também no Brasil e em muitos outros países do mundo.

A corrupção, mazela aberta e sem mecanismos de controle, alastra-se por diversos setores da sociedade e a nação imaginada, construída de utopia, torna-se dispositivo de disputas nas mãos da elite política e empresarial.

Predadores e Os Transparentes são romances distintos do ponto de vista de elaboração formal/estrutural, sendo a forma arquitetônica de organização do gênero diferente na obra dos autores. Quanto ao conteúdo, existem semelhanças, pois os ficcionistas mergulham no contexto sócio-histórico e político para capturar as materialidades que compõem os romances. Como se pode constatar, a experiência de linguagem e o estilo de escrita de cada autor também são diferentes. Mas ambos estão conectados ao contexto, de modo que o estético e o ético convergem no sentido de desvendarem o homem, a nação e a sociedade global, em tempos de crise política, social e humana.

Se, por um lado, nos dois romances, predomina a ironia como forma de criticar os descaminhos da nação angolana pós-independência, por outro, a ficção dos autores resulta na expressão social e interessada em problemas que ultrapassam as fronteiras do seu país.

Nesse sentido, a Lei 10.639/03 pode ser percebida como um sopro de esperança, de que professores e estudantes, de todas as idades e níveis escolares, possam ter acesso a esses pontos de vista sobre o mundo e reconhecer experiências compartilhadas por meio das literaturas africanas.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. **De Vôos e Ilhas**: Literatura e Comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 239-247.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 28-29.

BARROS FILHO, C. de; PRAÇA, S. **Corrupção**: parceria degenerativa. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014, p. 20-32.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 4. ed., 2020, 59 p.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 26. ed., 1988, p. 69-70.
CHAVES, R. **Angola e Moçambique**: Experiência Colonial e Territórios Literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

HODGES, A. **Angola**: do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem. Tradução: Francisco Ribeiro Soares, Miguel Miranda, Vasco Lorente Corisco e Maria do Carmo Figueira. Cascais/Portugal: Editora Principia, 1. ed., 2002, p. 17-39.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

ONDJAKI. **AvóDezanove e o segredo do soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ONDJAKI. **Os Transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 14-372.

ONDJAKI. **Bom dia, Camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008, p. 13-331.

PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: LeYa, 2013a.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013b.

PETERSON, M. **Estética e política do romance contemporâneo**. Tradução: Ricardo Iuri Canko. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 27-106.

Sobre a autora

Aparecida Cristina da Silva Ribeiro

Fez Doutorado e Mestrado em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL/UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra-MT. Fez Graduação em Letras/Língua Inglesa na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres-MT. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas em Língua Portuguesa, Literaturas Africanas, Teoria Literária e Literatura Comparada. Atuou como professora na Faculdade do Pantanal - FAPAN e na UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT. Atualmente é professora da Educação Básica, na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso – SEDUC-MT.